

ESTUDOS ETNOFARMACOLÓGICOS DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA

Amanda Arruda Santos Madeiro¹

Cristiano Ribeiro de Lima²

Enfermagem



ISSN IMPRESSO 2317-1685

ISSN ELETRÔNICO 2316-6738

RESUMO

A utilização de plantas medicinais é uma prática generalizada na medicina popular. O uso destas espécies vegetais é baseado no conhecimento tradicional e, quase sempre, transmitido oralmente. Seu estudo pode fornecer informações úteis para futuros fármacos. Esta revisão sistemática foi realizada a partir da base de dados on-line, Scielo, na qual foram levantados os artigos publicados entre 2004 e 2014 e teve o objetivo de mostrar os principais costumes, motivos e perfis socioeconômicos das pessoas que realizam a prática da medicina popular. Foram encontrados 12 trabalhos, tratando do tema da etnofarmacologia e da fitoterapia, sendo cinco em inglês. Os estudos etnofarmacológicos têm sido a principal estratégia reconhecida por cientistas em todo o mundo na seleção de plantas medicinais de interesse médico e farmacêutico, além de valorizar os conhecimentos, as práticas e crenças, desenvolvidos por comunidades tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE

Etnofarmacologia. Etnobotânica. Fitoterapia.

ABSTRACT

The use of medicinal plants is widespread in folk medicine. The use of these plant species is based on traditional knowledge and almost always transmitted orally. Their study can provide useful information for future drugs. This systematic review was performed from the online database, SciELO, which were raised articles published between 2004 and 2014 and aimed to show the main customs reasons and socio-economic profiles of the people who perform the practice of medicine popular. 12 works dealing with the theme of ethnic-pharmacology and herbal medicine were found, 5 in English. The ethnic-pharmacological studies have been the main strategy recognized by scientists worldwide in the selection of medicinal plants for medical and pharmaceutical interest, as well as enhancing the knowledge, practices and beliefs, developed by traditional communities.

KEYWORDS

Ethnic-pharmacology. Ethnobotany. Phytotherapy.

1 INTRODUÇÃO

A etnofarmacologia na América Latina foi iniciada no século 16 pelos missionários, que estavam interessados no uso de plantas etnofarmacologicamente ativas, como jesuítas (CUNNINGHAM; MENEZES, 2011). É uma prática generalizada, reforçada por diferentes culturas e decorrente das colonizações europeia e africana, somadas às práticas indígenas (OLIVEIRA ET AL., 2011).

Desde a pré-história, o ser humano vem aprendendo a se adaptar às circunstâncias e a tirar sua sobrevivência do meio ao seu redor, como, por exemplo, a caça para fins alimentares. Do mesmo modo, veio se desenvolvendo o conhecimento a respeito das plantas e suas utilizações. Essa descoberta influencia significativamente na ciência de novos fármacos e, conseqüentemente, na cura de várias doenças (RANGEL; BRAGANÇA, 2009). As plantas medicinais foram utilizadas com fins terapêuticos por muitos anos, e hoje servem como subsídio de interesse farmacêutico (LEITÃO ET AL., 2014).

Segundo a OMS, planta medicinal é uma espécie vegetal que, administrada ao ser humano, por qualquer via, exerce ação farmacológica (SILVA ET AL., 2009). O estudo fitoterápico ainda é incipiente no Brasil, visto que apenas 2% das florestas brasileiras foram exploradas por cientistas, enquanto têm-se 80 mil espécies apenas na Amazônia (MAY; ZAMPIERON; SILVA, 2011; RANGEL; BRAGANÇA, 2009). O avanço dos estudos realizados na Mata Atlântica tem influenciado novas investigações sobre as plantas medicinais nesta área (HANAZAKI; SOUZA; RODRIGUES, 2006).

O conhecimento da sociedade tradicional desperta o interesse de cientistas, que buscam comprovar, com testes químico-farmacológicos, a eficácia da medicina popular. O número de estudos etnobotânicos tem crescido acentuadamente, bem como o número de pesquisadores interessados nesta área (RITTER ET AL., 2015). Essas formas de exploração dos recursos naturais nos fornecem subsídios para novas descobertas farmacológicas, chegando a ser mais eficaz que descobertas aleatórias, por exemplo. Outra vantagem é que se podem conseguir grandes resultados em pouco tempo e com baixo custo, tendo como importante objetivo o avanço da ciência farmacológica (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006; RANGEL; BRAGANÇA, 2009).

2 MÉTODOS

Esta revisão de literatura foi realizada a partir da base de dados on-line, Scielo, utilizando os seguintes descritores: Plantas medicinais, Fitoterapia e Etnofarmacologia. A revisão foi ampliada por meio de buscas em outras fontes, tais como documentos da Organização Mundial de Saúde e da Fundação Nacional de Saúde, referentes a conceitos sobre etnofarmacologia e plantas medicinais.

Foram pesquisados os artigos publicados entre 2004 e 2014, nas línguas: portuguesa e inglesa, que tratavam de levantamentos etnofarmacológicos realizados no Brasil, focalizando as suas contribuições para o avanço e criação de novos fármacos, bem como o seu papel na valorização da etnobotânica brasileira. É uma revisão de base qualitativa, a qual aborda dados sobre a história e a importância sobre o estudo desta prática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados inicialmente 24 artigos (Tabela 1). Deste total, apenas 11, sendo cinco em inglês, preenchem os critérios de inclusão.

Tabela 1 – Bases de dados e resultados

Bases de dados	Estudos selecionados	Estudos incluídos
Scielo	23	11
Outros	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Muitos estudos mostraram que a fitoterapia nem sempre se dá pela escolha entre o popular e o convencional, mas muitas vezes por ser a única fonte de medicamento encontrada por vários povoados. Pessoas que moram em zonas rurais têm pouco acesso a fármacos cientificamente testados e acabam, devido a isso, construindo esta tradição (NIEHUES ET AL., 2011). Comunidades próximas costumam compartilhar da mesma fitoterapia, tanto pela proximidade cultural, quanto pelo clima e solo que os fornecem quase as mesmas plantas (SILVA ET AL., 2009). Por vezes, o estudo etnobotânico e etnofarmacológico de uma região pode apontar aspectos de

sua história, dos costumes trazidos por outros povos, da miscigenação das raças. Isso se vê quando são encontradas espécies nativas e exóticas numa mesma comunidade (GIRALDI; HANAZAKI, 2010).

Giraldi e Hanazaki (2010) apresentam o perfil de seus voluntários, sendo 70% casados e 62% sobrevivem com renda de dois a três salários mínimos. As plantas mais citadas neste estudo foram: maçanilha (*Chamomilla recritita*), hortelã-branca (*Mentha sp1.*), hortelã-roxa (*Mentha sp2.*), limão (*Citrus limon*), laranja (*Citrus aurantium*) e erva-cidreira (*Melissa officinalis*). Afirmam que a predominância desta prática se dá porque os recursos são de fácil obtenção, já que a maioria é cultivado em quintais próprios.

O mesmo estudo indica, ainda, que 80% são administrados internamente. Sendo 60% utilizado logo após a colheita, poucos são armazenados. 22% das plantas têm seu uso relacionado a problema digestório, seguido de problema respiratório com 15%, e problema no sistema genitourinário com 11%. Os autores relacionam o vasto uso para problema digestório com a falta de tratamento de água e condições sanitárias da região. Por se tratar de um problema frequente, é provável que o uso de plantas para o mesmo também seja elevado.

É importante saber como as pessoas adquiriram estes conhecimentos e como os utilizam, pois consta na literatura que a maioria destes vem oralmente por meio da hereditariedade e, portanto, sem base científica. O uso da planta medicinal é baseado em nomes populares, e isso contribui com os erros, visto que o nome popular em uma região se refere a uma espécie, enquanto em outra se refere a uma diferente. Com isso, evidencia-se a importância de se conhecer estas plantas por seus nomes científicos.

Ainda assim, predomina entre os usuários a ideia de que por ser natural não faz mal (SILVA ET AL., 2009). Demonstrando que a ideia de que o uso de plantas medicinais é livre de qualquer risco está errada, Rangel e Bragança (2009) apresentam os efeitos da superdosagem da erva-cidreira: bradipneia, sedação e diarreia; e boldo: alterações renais. Principalmente em se tratando de gestantes, classe na qual o uso deve ser bastante cauteloso. Visto que a resposta do feto a estes medicamentos, de eficácia não comprovada e dosagem inespecífica, é diferente da resposta da mãe, podendo resultar em grave toxicidade.

Muitos têm o tratamento fitoterápico como parte de seus costumes, porém têm a consciência de que este tipo de tratamento não resolve problemas de grande complexidade, como por exemplo, uma fratura (RANGEL; BRAGANÇA, 2009). Vê-se que, grande parte das pessoas que utilizam plantas medicinais, as utiliza para o tratamento de transtornos menores, como uma dor de cabeça, um resfriado e uma tosse. Alguns problemas de saúde são relacionados na literatura com um menor uso fitoterápico, ou seja, indica que as pessoas usam desse meio medicinal, porém, têm a consciência de quando devem procurar a ajuda de profissionais (NIEHUES ET AL., 2011).

O uso é justificado pelo fato de não fazer mal à saúde, pois é um meio natural. Contudo, deve-se entender que efeitos colaterais não derivam apenas de fármacos sintéticos, mas de produtos fitoterápicos também. De acordo com dados da literatura, as pessoas entendem que se podem tirar medicamentos e curas da natureza, porém vale reafirmar que o uso desprovido de conhecimento pode acarretar sérias complicações (RANGEL; BRAGANÇA, 2009).

O uso de plantas medicinais sempre fez parte da terapêutica popular, em todas as sociedades. Os povos que possuem este costume fitoterápico, muitas vezes só recorrem a medicamentos convencionais em último caso. Há uma maior confiança nas plantas medicinais do que nos fármacos cientificamente produzidos e testados. Contudo, deve-se dar crédito ao conhecimento popular, levando em conta que grande parte do conhecimento científico provém do empirismo. Estudos deste tipo podem ajudar no planejamento de programas de esclarecimento para toda a população que passa esses conhecimentos adiante (RANGEL; BRAGANÇA, 2009; SILVA ET AL., 2009).

Quase sempre a fonte de conhecimento vem da família, e raramente provém de indicação médica (RANGEL; BRAGANÇA, 2009). É importante entender que a medicina moderna não vem para eliminar a medicina popular. Mas sim caminhar juntamente uma a outra, se complementando. Essa larga utilização de plantas medicinais é importante para que se mantenha a tradicionalidade local e os avanços na ciência farmacológica, além de valorizar a riqueza cultural (GIRALDI; HANAZAKI, 2010).

Um importante e preocupante achado em estudos etnofarmacológicos é o fato de várias espécies serem conhecidas por um mesmo nome popular. O que ressalta a importância de cada comunidade ser estudada e orientada quanto a essa prática (NIEHUES ET AL., 2011).

Deve-se investigar o nível de conhecimento que essas pessoas têm como base para o uso dessa medicina popular. Que por muitas vezes é desprovido de cientificidade, embasando-se apenas no empirismo (TORRES; OLIVEIRA; VASCONCELLOS, 2007). Além dos nomes populares serem facilmente confundidos, outro ponto a ser observado é que esses conhecimentos, que são transmitidos oralmente, dependem muito da maneira que é passado e como é recebido. Ou seja, pode haver distorções e falhas de interpretação. Essas falhas e distorções que, aparentemente, são pequenas podem gerar problemas de saúde na população (RANGEL; BRAGANÇA, 2009).

Todos os estudos chegaram à conclusão, por meio de seus respectivos entrevistados, que o fitoterápico possui significativa importância em suas comunidades. Tal importância é atribuída ao benefício, onde seus usuários relatam ser maior que o benefício dos medicamentos industrializados, e atribuída também à viabilidade de obtenção das plantas, sendo o custo quase nulo.

4 CONCLUSÕES

É importante que façam uso de plantas medicinais até hoje, pois conserva o conhecimento tradicional. É uma das formas mais eficazes de descobrir soluções farmacológicas. É uma prática, baseada no conhecimento popular e no empirismo, que complementa a medicina convencional. O estudo destas plantas pode fornecer informações úteis para futuros fármacos, oferecendo economia e boa fonte para produções. Essa prática ganhou espaço no mundo por sua eficácia, praticidade e disponibilidade. Muitas destas plantas utilizadas ainda precisam de estudos detalhados para a comprovação de atividade farmacológica.

É de extrema importância que profissionais de saúde conheçam as plantas usadas e suas formas de uso com cientificidade, com a finalidade de reconhecer práticas equivocadas e reparar os erros. Deve-se orientar a população quanto à toxicidade, à interação de umas plantas com outras, dentre outros pontos a serem observados em cada população específica.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. de; HANAZAKI, N. As pesquisas etnorientadas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Rev. Bras. de Farmacologia**, v.16: 678-689, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2006000500015>. Acesso em: 9 ago. 2014.

CUNNINGHAM, F.; MENEZES, F. S. Ethnopharmacology. In: Dublin: surveys on the medicinal plants use profile. **Revista Brasileira de Farmacologia**, v.21, n.5, sep/oct. 2011. p.814-817. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v21n5/aop12511.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais do Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta bot. bras.**, 2010, 24 (2): 395-406. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v24n2/a10v24n2.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

HANAZAKI, N.; SOUZA, V. C.; RODRIGUES, R. R. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo State, Brazil. **Acta bot. bras.**, v.20, n.4, 2006. p.899-909. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v20n4/14.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

LEITÃO, F.; LEITÃO, S. G.; FONSECA-KRUEL, V. S. da; SILVA, I. M.; MARTINS, K. Medicinal plants traded in the open-air markets in the State of Rio de Janeiro, Brazil: an overview on their botanical diversity and toxicological potential. **Rev. Bras.**

Farmacogn, 24: 225-247, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v24n2/0102-695X-rbfar-24-02-00225.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

MAY, J.; ZAMPIERON, R. G.; SILVA, D. W. **Levantamento etnofarmacológico das plantas medicinais utilizadas nos municípios de Terra Nova do Norte e Nova Canaã do Norte – MT**. 2011. Disponível em: <<http://sei-cesucol.edu.br/revista/index.php/facider/article/view/9>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

NIEHUES, J.; BONETTI, P.; SOUZA, M. R. de; MAIA, A. L.; PIOVEZAN, A.P.; PETERS, R. R. Levantamento etnofarmacológico e identificação botânica de plantas medicinais em comunidades assistidas por um serviço de saúde. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v.40, n.1, 2011. Disponível em: <<http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/844.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

OLIVEIRA, A. K. M; OLIVEIRA, N. A.; RESENDE, U. M.; MARTINS, P. F. R. B. Ethnobotany and traditional medicine of the inhabitants of the Pantanal Negro sub-region and the raizeiros of Miranda and Aquidauna, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Braz. J. Biol.**, v.71, n.1, 2011. p.283-289. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bjb/v71n1s1/07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

RANGEL, M.; BRAGANÇA, F. C. R. Representações de gestantes sobre o uso de plantas medicinais. **Rev. Bras. Pl Med.**, Botucatu, v.11, n.1, 2009. p.100-109. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v11n1/16.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

RITTER, M. R.; SILVA, T. C. da; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). **Acta Botanica Brasilica**, v.29, n.1, 2015. p.113-119. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v29n1/0102-3306-abb-29-01-00113.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

SILVA, D.; MAGALHÃES, V.; MACEDO, T.; ALMASSY Jr., A.; SILVA, F. **Levantamento enofarmacológico em comunidades rurais do recôncavo da Bahia/BA**, 2009. Disponível em: <http://www.diadecampo.com.br/arquivos/materias/%7B4BFE4525-0A4E-4A99-8C59-E124A2A2D80F%7D_2520.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2014.

TORRES, D. F.; OLIVEIRA, E. S.; VASCONCELLOS, A. **Levantamento etnoecológico da biodiversidade da Península de Galinhos, Rio Grande do Norte**. Caxambu/MG, 2007. Disponível em: <<http://www.seb-ecologia.org.br/viiiiceb/pdf/1029.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

Data do recebimento: 12 de julho de 2015

Data da avaliação: 27 de agosto de 2015

Data de aceite: 08 de setembro de 2015.

-
1. Graduanda do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: amandaasm27@gmail.com
 2. Professor doutor do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. E-mail: cristianolima.br@gmail.com